Presença judaica em Celorico da Beira: judiaria e inscrições cruciformes

(Breve análise histórica)

Ana Penisga

A) Presença Judaica

"Entre 1496 e 1527 a população portuguesa regista um significativo aumento.":

Maria Antonieta Garcia

Os conhecimentos e o poder económico trazido pelos judeus tornavam a sua entrada no nosso país algo de muito desejável. Durante a primeira e inícios da segunda dinastia, os judeus usufruiram de um estatuto bastante favorável, sendo que os monarcas lhes outorgavam frequentes privilégios.

A criação de feiras, por altura do século XIII, destaque aqui para a criação da feira de Celorico da Beira (1287), provocou o desenvolvimento da rede viária; repararam-se as antigas calçadas romanas e desenvolveu-se a circulação de carroças e animais de tracção. Mais uma vez, como nos diz António Borges Coelho, o "[...] poder régio está interessado em defender a segurança dos caminhos e do comércio e protege os mercadores cristãos, judeus ou mouros."

Estas rotas comerciais terrestres, a partir do século XVI, acabaram por vir a ser asseguradas pelos cristãos-novos. Manuel Ramos de Oliveira refere que: "[...] a maior parte dos mercadores dos séculos XVI e XVII era constituída por cristãos-novos, a eles estava confiado o tráfego comercial que

nos fins do século passado se achava representado pela laboriosa classe dos almocreves."3

Com a constituição da Inquisição em 1480 pelos reis católicos, a situação dos judeus alterou-se também em Portugal. A política de "terror" instaurada em Espanha obrigou muitos judeus a fugirem para Portugal. D. João II acolheu-os mas com algumas restrições.4

No reinado de D. Manuel I a perseguição aos judeus começou a tomar forma, nomeadamente pela obrigatoriedade da conversão. Contudo, foi no reinado de D. João III que o Santo Ofício foi estabelecido no nosso país (Maio de 1536, pelo Papa Paulo III), espalhando a partir dai o pânico entre esta comunidade.

A fixação dos judeus por terras da Beira, concretamente em Celorico, levanta algumas dúvidas em termos de data exacta. Todavia, julga-se que foi "[...] com o avanço da Reconquista cristã para além do Tejo, com o desenvolvimento das feiras e mercados nos territórios a norte deste rio e com a decadência dos reinos mouros hispânicos, ligados ao comércio do Mediterrânio, que os Judeus se vieram estabelecer em terras de cristãos." 5

Pela sua localização geográfica estratégica, o controle da vila de Celorico da Beira significou desde sempre dominar a portela natural que inclui o vale do Mondego. O desenvolvimento económico que se verificou na região no século XVI foi, em parte, resultado do domínio desta portela natural e da

consequente passagem obrigatória dos comerciantes.

Adriano Vasco Rodrigues refere que: "Celorico fica na estrada da Beira, no caminho de Coimbra e no de Castela. Servia, naquele tempo os pastores, que com seu gado praticavam a transumância e ali se vinham abastecer de mercadorias indispensáveis como o sal. Servia também os agricultores das terras do vale e os viandantes que iam para Leão e Castela ou para Coimbra e Lisboa." 8 Pelos estudos elaborados com base nos Processos Inquisitoriais, foi possível constatar que existia, de facto, um comércio efectivo com algumas regiões de Espanha, nomeadamente, Castela.7

A comunidade judaica, pelas constantes perseguições de carácter fanático-religioso a que desde sempre foi sujeita, vivia essencialmente da actividade mercantil. De facto, pela necessidade que tinham de mudar constantemente de local, na tentativa de fugirem às perseguições, opressões e coerções a que estavam sujeitos, não se fixavam por forma a se dedicarem a outra actividade económica, nomeadamente a agricultura. Assim, o comércio permitia-lhes possuírem uma riqueza móvel, que a qualquer momento transportavam consigo.

Esta acumulação de riqueza suscitava invejas e querelas nos cristãos que com eles coabitavam nas vilas e cidades onde se estabeleciam. Como nos diz Manuel Ramos de Oliveira, os judeus eram: "Homens que só nos seus recursos confiavam, habituaram-se a trabalhar e a economizar, amealhando fartos capitais que despertavam a cupidez insaciável dos seus perseguidores."8

Tratava-se portanto do grupo que possuía dinheiro e, através dos juros, obtinha lucros. Paralelamente dominavam o conhecimento das ciências e das artes. Por tudo isto acabavam por ser perseguidos, uma vez que a doutrina cristã proibia a usura e o lucro e "não via com bons olhos" os sábios.

Deste modo, e muito embora D. Manuel I se visse coagido, por força das circunstâncias (lembremos aqui o seu casamento»), a assinar o Édito de Expulsão dos Judeus em 1496, o monarca tenta impedir a saída desta fonte de conhecimento e de riqueza, tão necessária para o prosseguimento dos Descobrimentos. Neste sentido, prolonga o prazo de saída dos judeus e inicia a política de conversão forçada ao Cristianismo. Nasce assim o termo cristãonovo (judeus convertidos ao cristianismo) e, paralelamente, o criptojudaismo (cristãos-novos que continuavam a manter as práticas judaicas no seio familiar).

a) Judiaria

"A comuna, ou comunidade, era a entidade não apenas religiosa e cultural judaica, mas também administrativa e judicial." 10

Esther Mucznik

Segundo Maria José Tavares à comunidade judaica de Trancoso,

que cresceu particularmente a partir do século XIV, juntaram-se novas comunas no século XV, donde se salienta a de Celoricon.

Sabe-se, de facto, que terá existido uma comuna em Celorico da Beira que foi extinta no reinado de D. Manuel I, em 1507. A vila terá tido um núcleo judaico importante.

A este respeito observemos o quadro que nos mostra Maria Anto-

nieta Garcia:2:

Rendimento de Comunas de Judeus ii data da Espulsão

Cowilha - Remiths de Bullière, Freinfill - Roman sid Bolleria Concie Ridorique - Emmas en Josifiaria Gosca - Remiter la Indireria Seringal - Mendos da Indiana Colorino - Remitas de Josifiana	2000 v. 22300 v. 2000 v. 2000 v. 1430 v. 16 t2 v. 1000 v.
Monsaino - Residio de Jodini la . Printir de Lopadio a Corro - Savingo Vivo o e Politogra livro de Monorceo - Rentas da Judicia - Pascoseo de Mortelo a Politogra de Idadorio - Tancose o Mortelo a Monopcoreo de Idadorio - Tanal con Hernay de Honopcoreo	

Como podemos observar, ao nível dos rendimentos daí provindos, a judiaria de Celorico da Beira encontra-se equiparada às judiarias do Sabugal e de Viseu, superando as judiarias de Monsanto e Freixo de Espada à Cinta. Assim, é possível concluirmos que se trataria de uma judiaria relativamente numerosa em termos populacionais.

No reinado de D. Manuel I a vila era senhorio do primeiro Conde de Portalegre. A este eram entregues os rendimentos da Judiaria acima descritos. Com a extinção das Judiarias e respectiva expulsão dos judeus, e no sentido de recompensar o Conde pela perda de rendimentos daí provindos, o monarca atribui-lhe a mesma quantia, mas agora retirada do produto das sisas da vila.

Apesar dos conhecimentos que, pelas fontes, temos da Judiaria de Celorico da Beira, desconhece-se ainda a sua localização exacta.

Segundo Adriano Vasco Rodrigues, localizar-se-ia "[...] na zona do antigo Matadouro.13" . Manuel Ramos Oliveira refere que a "[...] Comuna de Celorico devia localizar-se na Rua Nova, a mais comercial de então.14"

Ao analisarmos as plantas de localização dos edifícios com características judaicas, cripto-judaicas ou de cristãos-novos podemos concluir que é na zona envolvente à Rua de Santa Maria e Rua Nova (na parte NE do Castelo) que verificamos maior incidência de elementos histórico-arquitectónicos que nos levam a considerar a hipótese de ter sido aqui que se localizou a antiga Judiaria de Celorico da Beira.

De facto, constatamos nesta área uma maior ocorrência de inscrições cruciformes e de edifícios que possuem uma associação entre um portal largo e um portal estreitos15. Localiza-se também na Rua de Santa Maria um portal que apresenta inúmeras inscrições: cruciformes, cronológicas e outras que julgamos estarem relacionadas também com o criptojudaismo. Encontramos ainda nesta zona uma maior incidência de edifícios que apresentam "frestas" nas suas fachadas.

A presença de habitações com diferenciação funcional dos portais, está em muitos casos relacionado com a presença judaica. De facto, como já referimos anteriormente neste trabalho, a comunidade judaica dedicava-se principalmente às actividades económicas baseadas no artesanato e no comércio. Assim, estes portais detinham um importante valor funcional. De facto, o portal mais largo destinava-se a dar acesso à zona da oficina / comércio do edifício, que se localizava normalmente no r/ch do mesmo. Por sua vez, o portal mais estreito servia de acesso interno à zona habitacional, propriamente dita. Estes vãos localizam-se na fachada principal do edifício e imediatamente juntos. Normalmente são separados por blocos de granito, sobrepostos, que não terão mais do que cinquenta centímetros de largura.

O surgimento de frestas nas fachadas das habitações está, por vezes, relacionado com a ocupação judaica. A título de exemplo, refira-se a judiaria de Viseu onde "Em 1468, a pedido do concelho, a comuna é obrigada a tapar as portas e janelas abertas para a zona cristã com pedra e cal. As janelas passariam a frestas altas e gradeadas com um ferro a meio, de modo a que entrasse a luz mas não permitisse a conversação com os vizinhos cristãos" 16.

Em Celorico da Beira não possuímos evidências da existência deste tipo de frestas ("[...] altas e gradeadas [...]") porém, nalguns edifícios é possível observarmos pequenas frestas que, no fundo, poderiam ter a mesma funcionalidade daquelas.

De facto, estes rasgos nos panos das habitações facilitavam a iluminação e o arejamento do seu interior e, simultaneamente, evitavam o contacto com o exterior. Tratava-se portanto de mais uma forma de segregação e isolamento da comunidade judaica, face à comunidade cristã.

Paralelamente a isto não podemos descurar a ideia fundamental de que, pelo facto de se dedicarem principalmente a actividades económicas baseadas no comércio, os judeus habitavam normalmente junto dos eixos viários mais importantes das vilas. Era pelas ruas principais que circulava um maior número de pessoas, o que facilitava e beneficiava a actividade mercantil. Na vila de Celorico da Beira a rua mais importante no século XVI era, sem dúvida, a Rua Nova.

Se analisarmos outras judiarias da região verificamos que, nomeadamente, a "[...] judiaria [de Viseu] era uma rua que terminava na Rua Direita e que a toponímia ainda recorda com o nome de Rua Nova.17" Ainda dentro deste âmbito, as "[...] judiarias [a norte de Lamego] situavam-se, uma na rua pública que vai para o campo do tavolado, [...]; e a outra ficava próximo do adro da Igreja de Sta. Maria."18 . Inclua-se também aqui a judiaria da Guarda que, também ela, numa das suas extremidades entronca na Rua Francisco dos Passos, antiga Rua Direita.

Mais uma vez se reitera a hipótese de também a judiaria de Celorico da Beira se ter localizado na área atrás referida, uma vez que estaria perfeita-

mente associada à antiga Rua Nova, posterior Rua Direita, tal como no caso da judiaria de Viseu e da Guarda e, também se encontra próximo do adro da Igreja de Santa Maria, tal como numa das judiarias a norte de Lamego.

Como nos diz Carmen Balesteros, a propósito das inscrições cruciformes: "[...] a interpretação destas gravações deve ser feita em relação com o estudo do contexto em que se encontram, regra que se aplica à investigação arqueológica em geral [...]"19. Estendendo esta ideia aos restantes elementos histórico-arquitectónicos por nós encontrados no Centro Histórico de Celorico da Beira, parece-nos provável que a judiaria se localizaria na zona NE do Castelo. Todavia, constatamos uma eventual ocupação judaica em quase toda a extensão da antiga Rua Nova, particularmente na área compreendida entre o Largo 5 de Outubro e o Largo Tenente Coronel Alberto Magalhães Osório.

Ainda a propósito da citação acima exposta, importa destacar a vital necessidade de realização de investigação arqueológica no Centro Histórico de Celorico da Beira. De outra forma, nunca passaremos aqui de hipóteses e suposições quanto à localização concreta da judiaria em estudo.

b) Inscrições Cruciformes

"Ainda que as figuras cruciformes sejam anteriores a Jesus Cristo e já sejam também conhecidas no mundo veterotestamentário, foi o cristianismo que se apoderou da cruz como símbolo identificador, pela morte de Cristo crucificado." $_{20}$

Carmen Balesteros

símbolo do cristianismo. Deste modo, o surgimento destes elementos cruciformes poderão ser entendidos como uma cristianização do espaço em que se enquadram. As inscrições cruciformes são, em muitos casos, associados a antigos espaços de ocupação judaica. Assim, esta simbologia de carácter

aparentemente religioso é uma marca presente da eventual cristianização do

Centro Histórico de Celorico da Beira.

Após a morte de Jesus Cristo crucificado, a cruz tornou-se o

Na cultura religiosa judaica existia a tradição de colocar nas ombreiras da portas a Mezuzah₂₁. A inscrição de elementos cruciformes nas ombreiras das portas poderá estar relacionada com esta tradição e a respectiva afirmação do Cristianismo.

intenção gravou essas cruzes. Segundo nos diz Carmen Balesteros, "Serão estas resultantes de um puro acto de fé por parte dos cristãos velhos ou novos ou reflectirão antes uma necessidade de defesa por parte dos cristãos-novos ostentando símbolos que os tornem insuspeitos? Poderão estas marcas ser apenas símbolos da discriminação de cristãos-velhos face a cristãos-novos?

Todavia, torna-se complicado aferir com exactidão quem e com que

Para estas questões não temos, por enquanto, resposta!"22 .

A análise dos elementos cruciformes gravados nos edifícios do Gentro Histórico de Celorico da Beira permitiu-nos elaborar o estudo que se segue.

Dos 31 edifícios que possuem este tipo de inscrições constatamos que 90% as apresentam no alçado principal. O surgimento noutros alçados verifica-se, na sua maioria, em edifícios que apresentam fachadas para duas ou mais ruas. Neste sentido, localizámos 10% dos edifícios com inscrições no alçado lateral esquerdo, porém não registámos nenhuma ocorrência quer no alçado lateral direito, quer no posterior.

Estas inscrições estão normalmente associadas aos vãos dos edifícios. No caso concreto aqui em estudo verificamos que todos os elementos eruciformes existentes se associam a portais, sendo inexistentes os associados a janelas.

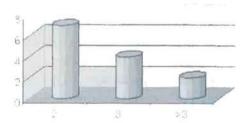
A localização das inscrições face aos portais também mereceu a nossa atenção, pelo que se concluiu que a maioria dos elementos cruciformes surgem inscritos nas ombreiras direitas e/ou esquerdas dos edifícios.

Podemos observar que 47% das inscrições se localizam na ombreira direita e 51% na esquerda, por oposição à localização no lintel que se traduz em nenhuma referência. Verificámos ainda a existência de uma inscrição que se localiza entre os dois portais (o largo e o estreito) sendo que representa

apenas 2% da totalidade de inscrições cruciformes existentes no Centro Histórico.

Dos edifícios em que registámos a existência de inscrições cruciformes, 16 possuem uma única cruz, sendo que 15 possuem mais do que uma inscrição cruciforme e/ou outros elementos inscritos. Dos 13₂₃ edifícios que possuem mais do que uma inscrição cruciforme, observemos o seguinte gráfico:

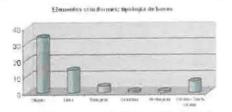
Numero de elementos cruciformes por edificio



Destes destacam-se então os edifícios com duas inscrições.

Temos ainda dois edifícios que possuem elementos cruciformes associados a outro tipo de inscrições, donde salientamos a inscrição I.H.S.24. Refira-se ainda a existência de três edifícios que possuem elementos cruciformes associados a inscrições de carácter cronológico, donde salientamos dois, com as inscrições de 1650/1676 e 1676.

Sobre as inscrições em concreto, procurámos estuda-las um pouco mais, com base na seguinte tipologia:



Ao observarmos o gráfico constatamos que a maioria das inscrições cruciformes apresentam bases simples (55%), seguidas de 23% que possuem bases em linha, 11% circulares / semi-circulares, 7% triangulares e 4% distribuídas igualitariamente pelas bases quadradas e rectangulares.

Ao nível do seu posicionamento refira-se que apenas três edifícios apresentam cruzes invertidas, pelo que constatamos que a grande maioria das inscrições cruciformes se encontra na posição vertical.

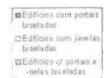
Dada a ocorrência de edifícios que possuem vãos biselados e simultaneamente inscrições de elementos cruciformes, pareceu-nos interessante debruçarmo-nos um pouco mais sobre o assunto em causa.

De entre os 80 edifícios que possuem elementos biselados, 16% apresentam também inscrições cruciformes.

Nestes edifícios podemos constatar uma maior incidência de inscrições naqueles que possuem janelas e portais biselados. Assim, observe-se:

Distribuição de inscrições cruciformes nos edificios com elementos biselados





Da totalidade de edifícios com elementos biselados e inscrições cruciformes (13), mais de metade tratam-se de edifícios com portais biselados. Os edifícios com portais e janelas biselados surgem neste gráfico em segundo lugar, com 23%. No que diz respeito a edifícios unicamente com janelas biseladas, apenas dois no Centro Histórico possuem inscrições de elementos cruciformes.

Por tudo o que ficou dito podemos então concluir que a maioria das inscrições cruciformes que observámos no Centro Histórico de Celorico da Reira apresentam as seguintes características:

-localizam-se no alçado principal dos edifícios
-associam-se a portais e localizam-se nas ombreiras
esquerdas destes

-encontram-se isoladas

-apresentam-se na posição vertical e com base simples

Muito embora se tenha aqui apresentado uma pequena conclusão sobre as características da maioria das inscrições cruciformes, não poderemos descurar a existência de outras situações, que representam uma parcela menor dentro do estudo apresentado. Assim, verificámos também a existência de inserições cruciformes noutros alçados dos edifícios, noutros sítios que não apenas nas ombreiras, por vezes associadas entre si ou com outras inscrições, podendo também apresentar posições e bases variadas.

Ao compararmos estas conclusões com os dados recolhidos por Carmen Balesteros, verificamos que quanto à localização das inscrições nos edifícios, também a autora refere que: "[...] as cruzes, [...] se identificam, geralmente, nas ombreiras direitas ou esquerdas das portas dos imóveis

Relativamente à tipologia das inscrições verificadas em Trancoso, a autora refere também que: "[...] encontram-se desde as cruzes simples até às decoradas nas bases, topos ou braços. Podem encontrar-se isoladas ou em conjuntos, bem como em relação com datas, anagramas ou outros motivos decorativos [...] algumas das cruzes foram intencionalmente gravadas de forma invertida [...]"26.

Assim, apesar de termos estabelecido uma síntese das características mais presenciadas neste tipo de inscrições, ficamos também cientes de que a pluralidade das mesmas, ultrapassa em muito qualquer tipologia que se possa aqui estabelecer.

Notas de Rodapé

GARCIA, Maria Antonieta, "Diálogo entre diferenças", Guarda História e Cultura Judaica, [s.l.], Museu da Guarda, 1999, p.53.

2MEDINA, João (dir.), História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, vol. III, Alfragide, Ediclube, [s.d.], p.111.

30LIVEIRA, Manuel Ramos de, Celorico da Beira e o seu concelho. Através da História e da Tradição, [2ª ed.], Leiria, Edição da Câmara Municipal de Celorico da Beira, 1997.

4A este propósito, entre muitas outras, refira-se a Lei de 1412 na qual o rei impõe que os judeus deveriam utilizar vestuário simples e que os identificasse.

sRODRIGUES, Adriano Vasco, Celorico da Beira e Linhares. Monografía histórica e artística, 2ª ed., [s.l.], Rocha / Artes Gráficas, L.da, 1992, p.92.

6IDEM, Ibidem, p.92.

7Cf. IDEM, Ibidem, p.98.

sOLIVEIRA, Manuel Ramos de, Op. cit., p.371.

A este propósito Maria Antonieta García refere que com:"[...] a decisão de D. Manuel I contrair matrimónio com D. Isabel — filha dos Reis Católicos — uma forma de aceder à coroa peninsular, [...] a situação da gente hebraica estremeceu.", GARCIA, Maria Antonieta, "Heresias na Guarda — primeiro quartel do século XVII", Guarda História e Cultura Judaica, [s.l.], Museu da Guarda, 1999. p. 165.

ICMUCZNIK, Esther, "Judaismo português, ontem e hoje da tolerância à liberdade", Guarda História e Cultura Judaica, [s.l.], Museu da Guarda, 1999, p.212.

11Cf. TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, "As comunidades judaicas das Beiras, durante a Idade Média", Revista Altitude, ano II, 2ª série, n.º4, Guarda, Dezembro 1981, p.6.

12GARCIA, Maria Antonieta, "Diálogo entre diferenças", Op. cit., p.56.

13RODRIGUES, Adriano Vasco, Op. cit., p.96.

140LIVEIRA, Manuel Ramos de, Op. cit., p.377.

15Refira-se que para a identificação desta associação de portais, baseámo-nos nas habitações judaicas propostas na obra: AMARAL, Francisco Keil; LOBO, José Huertas; MALATO, João José, "Beiras (Zona 3)", Arquitectura Popular em Portugal, 2ª ed., Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p.306.

16TAVARES, Maria José, Op. cit., p.11.

17IDEM, Ibidem, p.118.

18IDEM, Ibidem, p.119.

19BALESTEROS, Carmen, "Aspectos da arqueologia judaica em Trancoso", Beira Interior História e Património, Câmara Municipal da Guarda, 2000, p.333.

20IDEM, Ibidem, p.332-333.

21Esta era guardada numa reentrância no granito, no lado direito da porta e era beijada pelos judeus de cada vez que saíam ou entravam em casa. Consistia num estojo que continha os dois primeiros parágrafos do Chéma (oração principal judaica) e o símbolo do Shadai (o Todo-Poderoso).

Cf. GARCIA, Maria Antonieta, "Diálogo entre diferenças", Op. cit., p.36.

22BALESTEROS, Carmen, Op cit., p.334.

23Refira-se que dois deles possuem cruzes associadas a outros elementos inscritos que não inscrições cruciformes.

24Adriano Vasco Rodrigues refere ter encontrado uma inscrição semelhante na Rua de D. Sancho no Centro Histórico da Guarda, que traduziu da seguinte forma IHESUS, ou seja, Jesus. Cf. RODRI-GUES, Adriano Vasco, "Judeus e Inquisição na Guarda", Revista Altitude, ano I, 2º série, vol. I, n.º2, Guarda, Novembro 1980, p.114.

25BALESTEROS, Carmen, Op. cit., p.333.

26 IDEM, Ibidem, p.333.

Bibliografia

AMARAL, Francisco Keil: LOBO, José Huertas: MALATO, João José.

"Beiras (Zona 3)", Arquitectura Popular em Portugal, 2" ed., Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, pp.217-335.

BALESTEROS, Carmen

"Aspectos da Arqueologia Judaica em Trancoso", Beira Interior História e Património da Beira Interior, Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2000, p.331-341.

GARCIA, Maria Antonieta,

"Diálogo entre diferenças", Guarda História e Cultura Judaica, [s.l.], Museu da Guarda, 1999, p.17-56.

IDEM

"Heresias na Guarda – primeiro quartel do século XVII", Guarda História e Cultura Judaica, [s.l.], Museu da Guarda, 1999, p.165-170.

MEDINA, João (dir.)

História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, Alfragide, Ediclube, [s.d.].

MUCZNIK, Esther,

"Judaismo português, ontem e hoje da tolerância à liberdade", Guarda História e Cultura Judaica,

[s.l.], Museu da Guarda, 1999, pp.211-217.

OLIVEIRA, Manuel Ramos de

Celorico da Beira e o seu concelho. Através da História e da Tradição, (2ª ed.], Leiria, Edição da Câmara Municipal de Celorico da Beira, 1997.

RODRIGUES, Adriano Vasco

Celorico da Beira e Linhares. Monografía histórica e artística, 2º ed., [s.l.], Rocha / Artes Gráficas, L.da, 1992.

IDEM

"Judeus e Inquisição na Guarda", *Revista Altitude*, ano I, 2ª série, vol. I, n.º1, Guarda, 1980, pp.7-26.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro

"As comunidades judaicas das Beiras, durante a Idade Média", Revista Altitude, ano II, 2ª série, n.º 4, Guarda, Dezembro 1981, pp.5-15.